

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Queda das Ditaduras e a Emergência dos Cinemas Novos na Grécia e em Espanha

27 e 29 de abril de 2026

LA PREMIÈRE IMAGE / I PROTI EIKONA / 2025

“A Primeira Imagem”

um filme de **Olia Verriopoulou**

Realização e Argumento: Olia Verriopoulou / **Assistente de Realização:** Christina Lekkaki, Ifileneia Zahariadou / **Direção de Fotografia:** Pierre Warolin / **Montagem:** Myrto Karra, Elena Demesticha, Leonidas Papafotiou / **Som:** Costas Fylaktidis, Stelios Koupetroris, Dimitra Kseroutsikou, Cristo Sakellariou / **Música:** Dury Dava / **Departamento Técnico:** Elli Georgiou, Christophoros Karampinis, Sarah Tcheurekdjian, Alkistis Terzi / **Figurino:** Marli Alefari, Zacharaki Elissavet / **Cenários:** Olia Verriopoulou, Jonathan Arnoult, Angeliki Arvanitis, Milou Chatzistergiou / **Interpretação:** Constantino Vourloumis, Maia Mikeli, Cristo Plainis, Evi Saoulidou, Vicky Tsirou, Argyris Pandazaras.

Produtores: Athina Rachel Tsangari, Elias Katsoufis, Olia Verriopolou, Christos V. Konstantakopoulos, Gaëlle Jones / **Cópia:** DCP, cor, preto-e-branco, legendado em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 25 minutos / **Estreia Mundial:** Thess International Short Film Festival, 11 de outubro de 2025 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

MIA ZOI SE THYMAMAI NA FEVGEIS / 1977

“Lembro-me de te Ires Embora o Tempo Todo”

um filme de **Frieda Liappa**

Realização: Frieda Liappa / **Argumento:** Frieda Liappa, Giorgos Korras / **Assistente de Realização:** Giorgos Korras, Maria Nikolakopoulou / **Direção de Fotografia:** Nikos Smaragdis / **Montagem:** Takis Giannopoulos / **Som:** Nikos Ahladis, Antonis Georgiadis / **Departamento Técnico:** Filippos Koutsaftis / **Figurino:** Panos Papadopoulos / **Maquilhagem:** Athina Tseregof / **Interpretação:** Nena Menti, Dimitris Poulidakos, Betty Arvanti, Kostas Baladimas, Eirini Koumarianou, Stamatis Fasoulis, Yvonne Maltezou, Giorgos Mihailidis, Koulis Skarpelis.

Produção: Telecin Ltd. / **Produtores:** Yorgos Diamantis / **Cópia:** DCP, preto-e-branco, legendado em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 44 minutos / **Estreia Mundial:** Grécia, 1977/ Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Não é novo este desvio. Em vez de representar diretamente os grandes acontecimentos, opta-se por narrar uma História de memória comum, escutando-a através das suas réplicas e repercussões de menor escala. Ainda em 2024 vimos **Zone of Interest**, que, querendo falar claramente dos horrores dos campos de extermínio, fá-lo a partir da representação do quotidiano familiar, naturalizando o ruído da barbárie como paisagem doméstica.

Se nos quisermos afunilar na perceção infantil, então não faltam exemplos – o mais popular é a barbaridade de **O Rapaz do Pijama às Riscas**. Mas estes filmes fazem parte de uma história de terror que todos conhecemos, cuja mera citação já choca dispensando qualquer apresentação, e “beneficia” inevitavelmente de um lastro histórico e imagético partilhado à escala internacional. O espectador entra já munido de contexto e emoção. **La Première Image** tenta o mesmo procedimento com o golpe de estado grego em que, a 21 de abril de 1967, um grupo de coronéis tomou o poder e instaurou uma ditadura militar que duraria até 1974. Esta ditadura, por horripilante que seja, não ocupa esse mesmo lugar no imaginário global - fora de certos círculos históricos ou geográficos - exige enquadramento, mediação e trabalho de construção dramática. A opacidade desta história para a generalidade do público, que se propõe a ser contada a partir do tédio de uma criança fechada em casa, exigiria por isso um redobrado esforço de transfiguração, capaz de converter o desconhecimento em experiência sensível e não apenas em informação tardia, mas mesmo aí o filme não encontra grande sucesso.

Diz Manuel Cintra Ferreira, numa folha desta casa sobre **O Espírito da Colmeia**, de Victor Erice, que “houve muitos filmes com crianças e sobre crianças. Mas contam-se pelos dedos de uma mão aqueles que de uma forma ou outra conseguiram passar a ponte levadiça para o misterioso castelo da infância.” Basta lembrar esse filme para perceber o que aqui falta. Erice constrói “um mundo secreto e por isso impermeável a interpretações redutoras, atravessado por símbolos indecifráveis pelo adulto e de que apenas nos aproximamos quando o vemos através do olhar de Ana sobre o mundo”, tudo isso no cenário de uma Espanha franquista. Loukas não alcança esse plano, fazendo com que **La Première Image** permaneça num registo excessivamente informativo, onde a infância funciona mais como dispositivo narrativo do que como verdadeira forma de conhecimento sensível.

Ainda assim, seria injusto reduzir **La Première Image** apenas ao que lhe falta. Há no filme delicadeza na forma como observa a infância não como alegoria pesada, mas como espaço de invenção e aventura provisória. Loukas escuta vozes desconhecidas, experimenta hipóteses, atribui sentidos ao acaso técnico de uma linha cruzada. O telefone torna-se brinquedo, portal e companhia. Verriopoulou filma esses pequenos gestos com uma atenção afetuosa à curiosidade errante, quase hiperativa de quem ainda descobre o mundo por fragmentos. E talvez seja aí que o filme encontra a sua nota mais justa.

E depois há **Mia Zoi Se Thymamai Na Fevgeis**, de Frieda Liappa, filme de 1977 que parece responder ao que **La Première Image** faz sentir falta, a capacidade de fazer da circunstância histórica uma vibração íntima, e não apenas um enquadramento. Situado na Atenas da *Metapolitefsi*, entre os destroços ainda quentes da junta militar que vimos nascer no filme anterior, e a promessa ambígua da normalização democrática, o filme acompanha uma jornalista de esquerda e um ex-ator de teatro. Não há aqui pedagogia da História, mas uma História sedimentada na hesitação sentimental de quem saiu de um tempo de exceção sem saber ainda como habitar a liberdade.

Liappa pertence à geração que, após a ditadura, procurou reinventar as formas do cinema grego, afastando-se tanto do academismo como do folclore turístico que durante décadas definira a produção nacional. Essa rutura não se fez apenas ao nível temático, mas sobretudo formal. Em vez disso, emergiu

um cinema urbano, fragmentário, politicamente inquieto, atento à alienação moderna e às fraturas deixadas pela repressão. É nesse movimento que **Mia Zoi Se Thymamai Na Fevgeis** se inscreve. É um filme que manifesta a fadiga das convicções, no modo como duas pessoas se aproximam e se afastam dentro da precariedade concreta de vidas comuns enquanto o país procura uma forma de se recompor

Quartos, ruas, cafés, conversas interrompidas, rostos que parecem trazer ainda a marca física de um tempo repressivo. Se o título ressoa melancolicamente - “Lembro-me de te Ires Embora o Tempo Todo” - e transparece uma ideia quase íntima e carinhosa, este é na verdade a condição de uma geração inteira: gente que viveu entre exílio, fuga, clandestinidade e desencontro – como a própria realizadora. Os países mudam antes das pessoas.

A nova geração, de que faz parte Olia Verriopoulou, já nasceu nesse outro país, posterior à queda da junta, e herdou traumas de natureza distinta - entre eles a crise económica de 2008, que marcou profundamente a sociedade grega. Para essa geração, a ditadura surge já como fantasma histórico mais do que experiência vivida. Talvez a ingenuidade da criança em **La Première Image** reflita precisamente essa distância. O golpe de Estado aparece menos como ferida aberta do que como eco difuso, ruído remoto captado através de mediações frágeis. É nesse desfasamento histórico que os olhares das duas realizadoras se tornam radicalmente distintos. Onde Liappa filma a persistência física e afetiva da violência, Verriopoulou filma a sua sombra tardia, aquilo que resta quando o trauma já passou para a segunda geração.

Tiago Leonardo